

Gostos ou Sentidos?

HÉRITIER, Françoise. 2013. *Le goût des mots*. pp.112. Paris: Odile/Jacob

Renata Colbeich da Silva¹

Nós não precisamos mais inventar histórias para nossos filhos, é só pegar um livro e ler. As crianças estão recebendo sempre as mesmas histórias. Resta perguntar: o que nos resta da faculdade dos sentidos? Como o que é expresso verbalmente se transforma em escrito e se inscreve nos nossos corpos?

Publicado em francês, *Le goût des mots*, o livro de Françoise Hérítier², antropóloga francesa e feminista, põe em questão a experimentação da linguagem enquanto forma falada e escrita. A autora, por sua vez coloca em voga as significações e sensações do sentido que as palavras evocam enquanto seu acionamento para além de uma visão consciente de seu pronunciamento. O livro fala sobre a fantasia de se voltar a infância e a descoberta da fala, sobre como começa o entendimento da linguagem para um criança, e logo pergunta-se se o que se vê, ouve e fala constituem-se por percepções globais. A passagem da fala para a escrita infantil é ponto chave a ser analisado diante do falado. Deve-se escrever o que é reconhecido como som, já o falar é a capacidade de nos comunicarmos. A escrita é a capacidade de ver as palavras assim que as ouvimos, porém, existe a difícil tarefa de ouvir o som de uma palavra escrita.

Hérítier, em seguida propõem que façamos a experiência de pensarmos como agimos dentro da nossa própria cultura local ao se depararmos com uma pergunta de um estranho na rua. O susto inicial da abordagem faz com que nossa capacidade de comunicar-se fique destonada, pronunciamos palavras cunhadas de sentimentos. Como exemplo, o livro coloca a experiência etnográfica da autora com africanos com diferentes dialetos, que em seu modo de comunicar-se produzem diferentes entoações,

¹Mestra em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria - RS. Contato: renatacolbeich@hotmail.com.

² Françoise Hérítier é professora honorária do Collège de France. Foi diretora de estudos na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais e Presidente do Conselho Nacional de Aids na França.

que na França, segundo a autora, são mais difíceis de serem encontrados. A mesma palavra conforme seu pronunciar significa sentidos diferentes, que no trabalho de campo tornou-se uma dificuldade de entendimento sobre o verdadeiro sentido do que estava sendo dito.

O texto faz refletir sobre a questão da infância e dos aprendizados que se iniciam através dela. É na infância que passamos a aprender que as palavras possuem dois sentidos, o falado e o escrito, é na infância que começamos a entender e registrar um aglomerado de dados, uma orientação sobre as coisas e seus nomes, é nela que se registra uma voz. O registro isola as palavras comuns e seus variados sentidos. O gosto das palavras começa na infância com a identificação de objetos através das palavras. De fato, compreende-se que o livro não trata de linguística, mas da ruptura sobre a associação das palavras e das coisas.

Na França o nome das cores, por exemplo, não são apenas uma união de vogais. Há um caráter marcado pela cor e qualidades morais à elas associadas. As vogais das palavras comuns entoam e natureza profunda de seu significado, se tem uma sensação imediata conforme cada letra de início das palavras. As palavras possuem conceitos, em antropologia é impossível pensar num crisântemo e não pensar na flor do Japão e em Ruth Benedict. É uma palavra que tem cor, forma, corpo e significado. As palavras são iguais a gavetas da infância, cheias de tesouros.

As palavras podem ser lugares comuns que usamos sem perceber. Ao considerar as palavras ao pé da letra, ligamos territórios cúmplices, uns dos outros. Toda a gente sabe o que é, porque o território é um sentimento comprovado, uma emoção, uma experiência concreta sentida e transcritas no corpo.

Os sons que emitimos em seus contextos e suas simples declarações, expressam causa, e não a consequência de um afeto, um sentimento desordem. Eles são uma corrente de emoção. Qualquer palavra que diz respeito a um sentimento se entoada conforme o mesmo não precisa de tradução. Cada uma dessas situações é sentida e entendida plenamente sem conceito intelectual através do sentido próprio. É uma

criação poética do significado oculto de certas palavras e fizeram-se expressões de partilha emocional com os outros.

Ironicamente, os capítulos II e III do livro, são de difícil compreensão para aqueles que desconhecem a cultura francesa mais aprofundadamente, saber ler em francês não basta, é preciso de muito mais que isso para se compreender a lógica do jogo de palavras que a autora usa como exemplos sobre as lembranças da infância. Pizza lembra formigas, e isso pode parecer estranho, já que a associação depende de ter participado de um *picnic*, por exemplo.

O estágio da infância é de livre selvageria das palavras, as palavras têm muitos significados escondidos. É preciso refletir sobre as palavras e seus significados, uma imagem não vale mais que mil palavras — as palavras são significado e conceitos, padrões e clichês que se multiplicam em associações aos seus pares, compreensão e manipulação da realidade através do corpo e mente.

Numa narrativa, quase que poética, Françoise Héritier conclui o livro afirmando que sem palavras não se pode pensar, elas tem gosto pois são um jogo de definições secretas, adicionam os lugares-comuns e maravilham caminhos. Os sons são portadores de significado. Para utilizá-los precisamos criar um mundo que nos confronta constantemente para a incrível grandeza de suas correlações complicadas, elas são estabelecidas entre os sons, as cores, sabores, cheiros, toques, percepções íntimas e viscerais, emoções e pensamentos conscientes.

Referência

HÉRITIER, Françoise. 2013. Le goût des mots. pp.112. Paris: Odile/Jacob.